



Resenha



OLIVEIRA, Júlio Cesar de. *Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940-1960. Uberlândia: EDUFU, 2012, 180p.*

*Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior*¹

Sonhei tornar-me poeta ou jogador de futebol. Para ambos os artifícios não gozava de mínima habilidade. Os educadores afeitos aos modismos sentenciariam: faltavam-lhe competências. Restou-me vislumbrar precocemente a boemia dos anos de 1980 já sem as luzes da geração anterior. Outros tempos.

Tão cedo empenhei-me nas tentativas de boemia e logo fui atropelado por uma tórrida paixão que se fez acompanhar de um casamento sólido. Findava assim minha breve andança pelas madrugadas. Sem idas e vindas.

Ler o livro de Júlio Cesar de Oliveira me trouxe à lembrança essas minhas aproximações e as narrativas de familiares e amigos sobre as venturas da vida boêmia. Histórias contadas e revividas nos alpendres e nos quintais das residências, ou ainda no bar do saudoso Seu Domingos, pai do compadre Nei que junto com o tio Ismael são donos de uma memória prodigiosa. Há ainda o tio Alfredo que não esquece as suas ousadias passadas, algumas estimuladas e protegidas pelo mestre Bolinho. As noites dançantes no Caba-Roupa. A brutalidade policial no Curral das Éguas, sempre lembrada por meu avô. Os pavores da cavalaria, narrados pelo Tiãozinho, irmão do Totinho, esse também boêmio das antigas. Os assombros provocados pelo delegado Prata Neto, uma espécie de delegado Chico Palha (imortalizado por Tio Hélio e Nilton Campolino em samba recentemente gravado por Zeca Pagodinho) no sertão. As viradas carnavalescas. Todas as expressões das sociabilidades cotidianas e seu frêmito urbano.

Creio estar correto Júlio Cesar, quando adverte para a compatibilidade entre boemia e o mundo do trabalho, ou mesmo a complementaridade entre o dia e a noite, espaços separados pela presença dos astros e satélites. Assim, a moderna educação familiar da década de 1940, e seguinte, liberava os filhos homens para uma vida noturna intensa sem permitir descompromissos com as atividades laborais. Ou ainda impondo escolhas entre o violão e as aprendizagens profissionais.

¹ Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e do Programa de pós-graduação em História.

A singularidade de *Ontem ao luar*, contudo, não se resume a esse destaque. Certamente estamos diante de um estudo e narrativa, que tem como protagonistas os homens que vivem na cidade de Uberlândia entre os anos de 1940 e 1960, e assinalam as experiências sociais de constituição das identidades masculinas, especialmente aquelas forjadas nos contados cotidianos com prostitutas, amantes, namoradas, adultérios, desvirginamentos. Tudo isso regado a doses generosas de bebidas alcoólicas e muito cigarro. Como lembrou Anísio, “naquela época dançava-se juntinho, e não separado como hoje. As mulheres tinham a oportunidade de conhecer e sentir de perto o calor e o cheiro de um homem. Os homens podiam sentir de perto o que é mais importante numa aproximação: o cheiro. O odor *fêmini* [sic], chamado em latim”. (p. 40). Outras sensibilidades. Tempos interessantes.

A partir de uma pesquisa minuciosa, que manuseou com perspicácia fontes documentais de natureza diversa, Júlio Cesar vai reconstruindo a vida boêmia de homens negros e brancos pobres e remediados, principalmente, nos fazendo andar pelo espaço urbano, em ininterrupta transformação, permitindo ao leitor visualizar por dentro ruas, avenidas, praças, cinemas, bares, prostíbulos. Mas, há que se assinalar o tratamento historiográfico emprestado às entrevistas – a expressão depoente ou depoimentos remete-nos a uma significação policialesca – sem condescendência nem paternalismo com as *memórias de velhos*.

Os rituais do prazer exigiam conhecer bem as ruas e avenidas centrais da cidade. Implicavam preocupações com a indumentária, ternos bem cortados e passados, sapatos perfeitamente engraxados. Compunham-se das exigências com a higiene e embelezamentos dos corpos. Todos os preparativos para noite que se anunciava. No Salão Mineiro, barbeiros e manicures trabalhavam incessantemente nas manhãs e tardes de sábado. Ali dentro se falava de tudo, da inflação, do futebol, das conquistas amorosas que se avizinhavam. “... era impossível, para Nestor e para os que ali se encontravam, não sentir o perfume que exalava da água Velva aplicada aos rostos recém-barbeados e o aroma da brilhantina e do óleo de ovo aplicado nos cabelos”. (p.42) Ah, os odores!

Sentia-se preparado o gajo para andanças noturnas que iam do Bar Triannon, passavam pelo Cassino Oriental e podiam terminar na Casa da Cobra, da Maria José, da Eliza Machado, da Josefa Santos ou da Flausina, prostíbulos de seleta frequência, onde as ‘filhas de Eva’ entretinham os coronéis, os coroneizinhos e seu bem-querer.

Ontem ao luar é um livro cantante. Não há memória da vida boêmia que não esteja atravessada por canções, que ainda hoje fazem o coração bater mais acelerado. Contudo, não deixa de registrar os conflitos e as tensões constitutivas das áreas urbanas de muitas cidades brasileiras, das quais Uberlândia não diferia muito. A segregação racial nos espaços públicos e privados da ci-

dade e região é uma história a procura de um historiador. Um problema a ser enfrentado numa investigação em torno desse tema é a ausência, nas fontes documentais, de expressões de conteúdo racial. Provavelmente, no célebre Bar da Mineira, não se avistava nenhum cartaz explicitamente preconceituoso ou segregacionista. Entretanto, os garçons se recusavam a servir as mesas em que os negros estivessem sentados. Lembra Anísio, fato que os negros, especialmente os mais velhos, ainda não esqueceram que “Houve um período muito grande na história de Uberlândia em que os pretos e pretas andavam do lado direito da Avenida Afonso Pena e os brancos andavam do lado esquerdo, que era o lado do cinema e da loja A Goiana. O Bar da Mineira por exemplo, era super-racista, não aceitava preto, não serviam os pretos. Se um preto ali entrasse, ficava sentado e o garçom não ia servi-lo”. (p. 79) Os prostíbulos, a despeito de uma suposta igualdade entre os frequentadores, também não deixavam de hierarquizar socialmente – às vezes restringir – o acesso aos serviços oferecidos.

Em meados da década de 1940 começaram as pressões e as casas de prostituição empurradas por interesses imobiliários, pelo moralismo cristão e suas hipocrisias aderentes – ocultas pelas ilusões do progresso -, fundaram um novo território. As ruas *sem sol* puderam-se disseminar longe das vistas das famílias das elites abrindo espaço para as expressões, nem sempre de bom gosto, de espécimes da arquitetura moderna,

em alguns casos, exageradamente ecléticas. Imaginando-se numa metrópole, os uberlandenses – que há pouco foram moradores de Uberabinha, diminutivo incompatível com ‘canteiros de esmeraldina vegetação’, ‘requintado gosto arquitetônico das luxuosas vivendas’ -, tentavam solucionar um dilema, entre muitos, provocado pela prostituição ‘mal necessário’ e sua localização indesejável.

Para a *Rua Sem Sol*, na Vila Martins, deslocou-se também a vida boêmia, com seus bares e cassinos. A *Rua Uberaba* (atual Joaquim Cordeiro) abrigou uma fração do círculo boêmio, como a Boate Azul, ou Boate do Marra.

Nos anos de 1980 a Rua Uberaba com suas ‘casas’ e boates estavam apenas na memória, ainda que nas imediações existissem recintos renitentes. Esse território, mais tarde, seria ocupado, numa extensão diminuta de Avenida João Naves de Avila, pelos travestis oferecendo os seus serviços em frente a hotéis e igrejas pentecostais. Algumas ‘casas’ do bairro Martins, próximas à Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, continuavam funcionando, relatam amigos fregueses. Nesses territórios, as famílias de bem eram obrigadas a emplacar o frontispício de suas casas com o famoso ‘residência familiar’. Persistências diante da modernidade incompleta.

Mestre Lotinho, negro, músico, cantor, compositor, protagonizou várias das histórias que Julio faz emergir. Apresentou-se em shows no Uberlândia Clube, que fora reconhecido como local das expressões segregacionistas experimen-

tadas na jovem cidade. Com seu violão animou os encontros no José do Patrocínio, também conhecido como Caba-Roupa, comícios e serenatas. Alegrou as meninas da *rua sem sol*. Acompanhado de Alberto, Darcy, Caco Velho, Antonio Babaca, Ambrozino, Norma, Cara Torta, Biscoito, Benedita, Doido, Napinho, Nenzinha, Tico, Lenita e Jorge Veiga, fundou, sob o azul, preto e branco -, a Escola de Samba Tabajara, em meados da década de 1950. Heranças dos “Tenentes Negros”, bloco carnavalesco dos anos de 1930, que juntamente com os Turunas, o Independente e o Flor de Maio são precursores do carnaval popular na cidade. Personificou os conflitos que os boêmios experimentaram naqueles tempos. Lembranças sem melancolia.

Ontem ao Luar, por fim, contraria a tendência efêmera dos textos acadêmicos produzidos nas esteiras tayloristas instaladas nos programas de pós-graduação Brasil afora. Sensível, bem escrito e baseado em pesquisa sólida, o texto finalizado em sua primeira versão nos finais do século XX e apresentado como dissertação de mestrado, transformado agora em livro, exala um frescor e leveza manifestamente raros na produção historiográfica local. A cidade – as suas fímbrias e subterrâneos -, emerge pela voz dos boêmios, os protagonistas dessa narrativa sensível, emocionante e bem-humorada. O cotidiano é esmiuçado. Em meio a lembranças e esquecimentos, desvelam-se as dimensões da privacidade e a esfera pública encarnadas em seus conflitos e tensões amorosas, raciais e

políticas. Julio Cesar elucidava uma cidade que até há pouco não fora tangenciada pela produção historiográfica local, pois, ao que parece, as abordagens estiveram presas, salvo as exceções, à armadilha de desconstruir o discurso e a mentalidade progressista, revelando assim, uma perspectiva autoritária que pretendia emprestar consciência e voz aos excluídos. Ao contrário, o que temos nessa obra é a explicação dos processos de produção e transformação de uma cidade, durante o século XX, pela voz daqueles que viveram a cidade e fizeram a cidade viver.



